

Sou professor... e agora?

Relato e reflexões sobre a função docente

João Bernardo Santos, Universitat de València
Joao.Bernardo@uv.es // lingualusa@lingualusa.com

Também se poderia dizer que a sociedade educa por si mesma, que o fato de viver em sociedade forma os indivíduos, e ao enunciar isto não sei se novos temores não se apoderarão de nós: se a sociedade anda perdida, se os valores que parece promover, o êxito rápido, a riqueza imediata e não fruto do trabalho – enfim, supostos de duvidosa moralidade – se a família não pode ou não sabe, porque se perdeu a si mesma nesta voragem contemporânea, quem educa?

É este o problema, família e sociedade em crise, desmembrada uma, perplexa outra; portanto, nesta situação a única saída que se vê no horizonte é a escola: o último refúgio, a última esperança.

(JOSÉ SARAGAMA, *Democracia y universidad*, Madrid: Ed. UCM, 2010) [tradução do autor]

1. Ser professor...

Mais além da vontade política que subjaz na luta pelos direitos trabalhistas, caberia destacar sempre a intenção libertária da voz daqueles que com seu engajamento e empenho constante ousam desafiar o poder institucionalizado e, independentemente de sua manipulação, ou inclusive omissão em determinados discursos rara vez desinteressados, o que importa agora é trazer à luz o significado humanitário de uma educação crítica e acessível a todos os cidadãos, em condições de igualdade.

Assim se retoma o título do presente trabalho, "Sou professor... e agora?" dando ênfase no uso de um verbo, "ser", e um nome, "professor", para iniciar um questionamento ontológico (que costuma aflorar nos momentos mais críticos): o que é "ser professor"?

Dado que vivemos uma crise econômica e social – que, como bem se sabe e assim vaticinam os especialistas, vai ser muito dura (dura e duradoura)

–, conviria refletir sobre isso e preparar-se, já que, sob o ponto de vista econômico, esta crise se concreta no trabalho (ou melhor dito, em sua perda).

Contudo, se esta crise (como todas) também marca, por um lado, um momento de mudança, de transformação, que arrojaria muitos profissionais a um mercado que parece não estar disposto a aceitar a falta de "preparação técnica" para o exercício de uma profissão que requer muita disciplina e responsabilidade; por outro lado, já não basta ter vocação, nem sequer basta "ser professor", mas também se faz necessário, entre outras coisas, formar-se continuamente, além de "estar" refletindo e questionando-se sempre sobre os resultados da atuação docente. O que põe em jogo estas duas dimensões que às vezes podem ser tão complicadas de traduzir em alguns idiomas: o ser e o estar. Assim, uma coisa seria ser professor e poder exercer a docência, e outra, muito diferente, seria poder manter-se ativo em um novo mercado.

Soma-se a isso uma formação pedagógica deficiente – cujos efeitos espera-se poder paliar na Espanha com o recém criado mestrado em professor de educação secundária –, o pouco valor atribuído à função docente na sociedade, a má gestão e uma organização burocrática muito complexa e, muitas vezes, pouco funcional, maratonas incansáveis de anos de estudo para aprovar nos concursos públicos mas não sem ter passado antes pelos constantes traslados como interino/substituto pelas mais diversas regiões e centros educativos, além de ter que fazer frente a um sistema de comunicação que, em lugar de usar-se exclusivamente em benefício da sociedade, muitas vezes pode acabar tendo o efeito contrário, como por exemplo, com o bombardeio de informação propagada pelos meios de comunicação ou o mau uso das novas tecnologias...

Tudo isso tem efeitos muito diretos na maneira como o professor se sente e se posiciona diante de tais dificuldades que produzem claramente uma diminuição de sua qualidade de vida e influem negativamente em sua psique, ocasionando-lhe baixa auto-estima, ansiedade, estresse, depressões ou obrigando-o a mudar-se constantemente ou inclusive ao abandono da docência para fugir de situações conflitivas.

Assim, se hoje as previsões de emprego docente já são más no âmbito mundial, podem chegar a ser ainda piores para a educação espanhola, especialmente quando se propõem soluções de caráter neoliberal para reformar o sistema educativo, com o propósito de atender exclusivamente, em nome do "progresso" e de uma suposta "saída da crise", a necessidades específicas de mercado. Em efeito, as palavras "competência", "polivalência" e "variabilidade" estão na ordem do dia, e a "escola" (mais especialmente a secundária e a universidade) assumiria com isso uma nova função: além de reprodutora da ideologia política dominante e das relações de classe, também se destinaria a criar – o mais rápido possível – uma pelotão de força de trabalho especializado para atender uma demanda mais imediata.

No entanto, a política e as más condições trabalhistas não podem ser um muro intransponível. É possível ver a dificuldade como castigo ou como desafio. Certamente já teremos escutado ou inclusive visto trabalhar colegas em condições muito mais precárias em outras geografias, com quase uma centena de alunos nas salas-de-aula, jornadas de trabalho de manhã, tarde e noite, com míseros salários e pior formação... mas o mais surpreendente em alguns relatos destes colegas é que muitos deles conseguem trabalhar com paixão, muitíssima emoção, e com o que poderia ser o mais importante: conseguem trabalhar realizados, com uma verdadeira esperança revolucionária e confiança em um projeto de futuro, no que ainda não é mas pode chegar a ser.

Em contrapartida, quando se deixa levar pela rotina do presente, procura-se às vezes chegar a soluções muito distantes para problemas mais imediatos e esquece-se de que uma das principais virtudes do educador não é a reprodução do saber imediato mas o contrário, repensar a realidade e projetar o futuro.

2. Ação docente e função social

Mas qual seria a essência da ação docente e sua verdadeira função na sociedade?

A resposta a esta pergunta passaria pela verificação de que se esvaziou a educação de seu conteúdo, já desde muito tempo, com o advento das ciências particulares, que ganharam corpo e independência ao longo da história. Assim, fragmentou-se a integridade do conhecimento, e a educação, por sua vez, foi compartimentada em diminutas partes, em disciplinas mais específicas que muitas vezes levam a uma perda de relação com a realidade, que sim é inteira, única.

Não é por acaso que também se inclui na ordem do dia a chamada "interdisciplinaridade", quando, no que diz respeito à metodologia pedagógica e à etimologia da palavra, o mais oportuno seria falar de *transdisciplinaridade*, conceito muito desenvolvido no ensino de artes, embora ainda pouco aplicado em outras áreas educativas¹. Ou seja, em lugar de assumir a fragmentação da realidade e inclusive considerá-la como um fato "natural", aos educadores corresponderia exatamente o contrário: transcendê-la, combater e superar a compartimentação do conhecimento para resgatar o ser humano em sua integridade e, especialmente, para que não sucumba ante a alienação do saber dosificado.

Contudo, tampouco se pode assumir a posição ingênua de crítica à técnica nem negar a importância do trabalho especialista ou o valor que decorre deste saber, no entanto é necessário advertir que a especialização – sem uma visão mais ampla do contexto histórico e social – leva claramente à exaltação do *discurso competente* e às conseqüentes formas de dominação social.

Em outras palavras, uma educação que se pretenda íntegra e integradora não pode promover exclusivamente juízos de valor, como por

¹ Mello, M. F.; Barros, V. M.; Sommerman, A. Introdução. In: Sommerman, A.; Mello, M. F.; Barros, V. M. (org.) Educação e transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 2002.

exemplo na elaboração do currículo (Que disciplinas devem ser contempladas? Como dividi-las e ministrá-las? Quais são as que devem ter mais carga horária? Por quê?), mas também deveria fazer juízos da própria realidade, partindo da experiência de cada aluno e projetando-a mais à frente no tempo, não só vendo o aluno como é no presente, mas também como poderia ser no futuro. Em resumo, potencializando suas perspectivas, em lugar de apresentá-lhe só as que são impostas pelo sistema.

3. Educação e filosofia

Neste sentido, educação e filosofia compartilhariam a mesma essência: o questionamento acerca do mundo real, mas não um questionamento qualquer, mas um que implique em uma reflexão "radical", "rigorosa" e "de conjunto". Segundo o educador brasileiro Dermeval Saviani:

"Radical: em primeiro lugar, porque se exige que ponha o problema em termos radicais, entendida tal palavra em seu sentido mais próprio e imediato. Ou seja, é necessário que chegue até a raiz das questões, até seus fundamentos. [...] Rigorosa: em segundo lugar e para assegurar a primeira exigência, é preciso proceder com rigor, quer dizer, criticamente, de acordo a determinados métodos, questionando as conclusões da sabedoria popular e as generalizações que a ciência pode propor. [...] De conjunto: em terceiro lugar, não se pode examinar o problema de modo parcial, mas a partir de uma perspectiva de conjunto, relacionando o aspecto em questão com outros aspectos do contexto onde se insere."²

Dito isso, cabe introduzir uma nova questão: afinal, qual é a utilidade da educação? Porém, para respondê-la convém entender o significado da palavra *utilidade*. E para isso basta observar que, geralmente, a visão das pessoas no sistema global atual parece estar marcada pela busca de resultados imediatos do conhecimento. Assim, considera-se muito relevante a pesquisa genética sobre células-mãe (e é possível que realmente tenha grande importância), e no âmbito escolar parece muito oportuno estudar matemática na escola secundária porque é importante para aprovar no exame vestibular, de maneira que frequentemente o aluno se pergunta: por que devo estudar isso se não vou aplicá-lo em minha profissão?...

² Dermeval Saviani, *Educação brasileira: estrutura e sistema*, p. 68.

Neste sentido, poder-se-ia pensar que a Educação (em maiúscula) não é mesmo muito útil, pois, de acordo com o que foi dito até aqui, não deve servir somente para alcançar uma transformação imediata de ordem pragmática. No entanto, não ter essa utilidade mais imediata não tem porque significar que seja desnecessária, já que a necessidade da educação vai muito mais longe e reside no fato de que é uma possibilidade importante de transcendência humana, porque precisamente a Educação deve ser capaz de oferecer aos educandos os recursos necessários para a superação de uma situação dada e não escolhida por eles, ou seja, tem grande relevância para a conquista de sua liberdade.

Publicou-se nos anos 80 no Brasil uma recopilação de textos que são surpreendentes não só por seu valor intelectual como também por mostrarem-se muito atuais ainda hoje, todos eles escritos por autores de grande relevância para pensar a Educação, tais como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Carlos R. Brandão e Marilena Chauí, esta última faz uma análise cabal e muito crítica do discurso neoliberal da especialização aplicado à educação (mais especialmente na educação universitária) que vale a pena reproduzir aqui:

"[...] ousaria dizer que não somos produtores de cultura só porque somos economicamente "dependentes", ou porque a tecnocracia devorou o humanismo, ou porque não dispomos de capital suficiente para transmitir conhecimentos, mas porque a universidade está estruturada de forma que sua função seja 'dar a conhecer para que não se possa pensar'. Adquirir e reproduzir para não criar. Consumir em lugar do trabalho de reflexão [...]"³

De fato, cada vez mais se vem consolidando uma nova situação educativa na qual se tenta converter o ensino em mercadoria.

4. Uma nova ordem e seus adversários

Por outro lado, na Espanha também vêm soando vozes muito críticas e favoráveis a repensar a educação à escala mundial, e aqui é possível fazer referência à obra "La Escuela en Europa Occidental. El nuevo orden y sus

³ Marilena Chauí, In: BRANDÃO, Carlos R. *O Educador: vida e morte*. Graal, 1982.

adversarios", na qual seus autores fazem uma análise a respeito da orientação neoliberal dos sistemas educativos em alguns países da União Europeia:

Na Inglaterra, por exemplo "as decisões sobre o emprego de professores, o total dos salários e horas de dedicação transladam-se às direções dos centros (convertidas já em algo alheio aos professores) e também às autoridades locais, o que aumenta a situação de insegurança dos professores, que sabem que seu salário depende de seu rendimento, julgado com parâmetros estranhos a seus critérios. [...] A Alemanha e a Itália viveram um começo de "aggiornamento" neste sentido, que recebeu amplos protestos por parte dos professores, e isso conseguiu deter (no momento) o avanço. Na Espanha, já sabemos como estão ocorrendo as coisas, com as administrações autonômicas subtraindo a autonomia e a credibilidade social do professorado.⁴ [tradução do autor]

Assim, por trás dos novos paradigmas educacionais de ordem neoliberal (tais como os já referidos critérios de "competência", "formação exclusivamente técnica", "polivalência", entre outros) podem ocultar-se objetivos de mercantilização da educação e, felizmente, assinalam os autores, "nessa direção, não parece que haja professores propensos à mudança. Porque eles sabem, nós sabemos, que este processo de modernização não é honesto com o ser humano, e nem mesmo é factível no dia-a-dia"⁵.

E o que haveria de honesto na profissão docente se ensinar se limitasse basicamente a dominar uma técnica irreflexiva de transmissão de dados? A questão é que os professores não podem ser simplesmente receptores passivos de uma informação que são obrigados a transmitir posteriormente, sem emoção, como regras arbitrárias, a seus alunos. A educação deve ser um processo reflexivo e criativo, que implica em escolhas, desejos, emoção, mas principalmente na humildade de reconhecer suas limitações e na honestidade para expressá-las e compartilhá-las com os demais.

Os autores de *La Escuela en Europa Occidental. El nuevo orden y sus adversarios* assinalam uma experiência na Espanha que poderia refletir bem estes valores quando indicam que os professores que aceitaram os postulados modernizadores da LOGSE (Lei Orgânica Geral do Sistema

⁴ *La Escuela en Europa Occidental. El nuevo orden y sus adversarios*. In: http://unicornio.freens.org/profpcmaux/formacion/CBSE/LaEscuelaEnEuropaOccidental_ProfesoresEstudiantes.pdf

⁵ *Idem*.

Educativo espanhol), e que posteriormente perceberam que não teriam bons resultados seguindo por este caminho, tiveram o mérito de questionar-se e refletir (do latim, *reflectere* significa exatamente retroceder, voltar atrás) sobre sua prática, para procurar novas soluções, "apesar das pressões verticais e horizontais, coercitivas e persuasivas"⁶.

Isso supõe que os professores devam adotar uma postura crítica e ter uma ampla visão das diferentes possibilidades para que sejam capazes de refletir sobre sua própria práxis, com um grande esforço para a integração social e coragem para transitar pelas fronteiras sócio-culturais, mas sobretudo se mostrarem eticamente responsáveis e comprometidos com a educação e com sua importância na vida democrática.

Assim, é necessário partir do fato de que a práxis educativa não é neutra e se, por um lado, é certo que a escola tem uma função reprodutora, ou seja, é uma peça da engrenagem do sistema político vigente e, portanto, passível da ação da ideologia dominante – já que se encontra vinculada à sociedade e às suas relações de produção –, por outra, não se justifica não fazer nada enquanto não se dá uma transformação social. A escola é um espaço de luta, de denúncia da domesticação, da seletividade e da procura de soluções, mesmo que sejam precárias e parciais.

Neste sentido, parecem muito agudas as conclusões do professor Mario Gadotti em *Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito*:

Se amanhã for possível uma educação revolucionária, será só porque, hoje, no interior de uma educação conservadora e reacionária, os elementos de uma nova educação, de outra educação, libertadora, formaram-se dentro de uma educação conservadora e reacionária. Essa mudança de espaço dominado a espaço dominante não se fará nem espontaneamente nem de um momento a outro; por isso, é necessário instaurar uma verdadeira pedagogia do conflito que evidencie as contradições em lugar de camuflá-las, com paciência revolucionária, consciente do que historicamente é possível fazer, mas sem se omitir.⁷

⁶ *Ibidem*.

⁷ Moacir Gadotti, *Educação e poder. Introdução à pedagogia do Conflito*, p. 64.

5. Conclusões

Em última análise, é possível concluir que ser professor hoje na Espanha seria repensar as aspirações políticas e a identidade cultural do país, pois não há perspectiva para enfrentar os desafios da atualidade que não passe pela liberação dos erros do passado e, embora não seja fácil esquecer suas sequelas (se é que algum dia seja possível esquecê-las), já muito atrás ficaram as feridas da guerra civil e do totalitarismo. Hoje a Espanha é uma nação livre e procura erguer sua bandeira em uma nova ordem mundial, impondo o desafio de atualizar-se, diante de uma crise sem precedentes neste século, revendo sua história, a fim de, mais consciente de seus limites, compartilhar o presente com outros estados membros da Comunidade Europeia.

Sopram novos ventos, agitam-se as bandeiras de novos ideais políticos, e entre elas tem que estar a de uma nova educação inclusiva, participativa, reflexiva, mais consciente de sua realidade social e crítica das soluções parciais e das problemáticas sociais.

6. Bibliografia

- BONAFÉ, Jaume Martínez (org.). *Ciudadanía, poder y educación*. Barcelona: Ed. Graó, 2003.
- BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O Educador: vida e morte*. São Paulo: Ed. Graal, 1982.
- _____. *O que é educação*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- COLECTIVO BALTASAR GRACIÁN *et alii*. *La Escuela en Europa Occidental. El nuevo orden y sus adversarios*. Valencia: Ed. Germanías, 2009. [In: http://unicornio.freens.org/profpcmaux/formacion/CBSE/LaEscuelaEnEuropaOccidental_ProfesoresEstudiantes.pdf]
- FERNÁNDEZ SORIA, Juan Manuel, y MAYORDOMO PÉREZ, Alejandro. *Política educativa y sociedad*. Valencia: Ed. Nau Llibres, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder. Introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Ed. Cortez, 1982.

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1981.